

## CTS E CARNAVAL

Neste carnaval fiz um programa diferente. Festas – nem mesmo as pagãs – nunca foram o meu forte. Salvo algumas passagens discretas e rasantes em festas de amigos e parentes e raras investidas no carnaval de rua, meu tríduo de Momo fica restrito a umas poucas horas acompanhando o que rola Brasil afora pela televisão. Bom, isso sem considerar leituras de livros, artigos e reportagens sobre a história dos carnavais, dos sambas-enredo, e algumas composições musicais próprias nessa área.

Neste ano de 2011 foi um pouco diferente. Por conta do meu envolvimento com a cultura popular – em especial com a música regional –, aceitei assim meio no susto o convite de participar do corpo de jurados no carnaval de São Francisco do Sul, SC. Além da satisfação de poder revisitar um cartão postal – uma pintura de cidade – e de participar de uma festividade ainda com bons traços de autenticidade, de vívido apelo popular e de participação de vários estratos sociais, brilhava a oportunidade de, em posição privilegiada, poder amealhar elementos para refletir sobre a importância das festas populares para a manutenção de alguma identidade cultural.

A filiação ao discurso pró-globalização é cantilena inescapável na fala de quem quer pousar de atual, engajado, politicamente moderno, quiçá correto. Ai de quem ousar tentar desnudar sua majestade a globalização! Tal qual criança mimada, a massa inebriada do moderno não perdoa, é cruel, é opressora.

Uma das premissas do global é a igualdade camuflada em “customizado”. Roupas, cortes de cabelo, automóveis, celulares, linguagem, expressões artísticas, ensino..., para tudo parece que temos liberdade de escolha, parece que podemos grudar adereços particularizantes, que nos tornam únicos, diferentes da grande massa. Nessa levada, entregamos de bandeja partes substanciais de nossa identidade cultural a um inconsciente coletivo sem dono, sem pátria, sem pejo nem vergonha de sorver em goles fartos tudo que não se enquadra na ordem de acompanhar docilmente a procissão da globalização.

O indivíduo “customizado” tende a apagar – ou ao menos camuflar – a sua identidade cultural para assumir traços que nele imprimem significados exógenos, em especial aqueles referendados pela cultura dominante.

Na academia, Nelson Rodrigues não é bem uma referência, mas não custa lembrar um de seus chistes mais badalados: “toda unanimidade é burra”.

Choramingo de descontente, dor de cotovelo de desengajado, saudosismo extemporâneo de passado do ponto, lengalenga de dissidente. É fácil aspergir estereótipos zombeteiros em não participantes de nossos grupos esotéricos (no caso da globalização não seria melhor “exotérico”?). Difícil é se olhar no espelho e não só ver o determinantemente óbvio, o raso, o reflexo das nossas impressões primeiras, a resposta vaticinante de nossas afiliações ideológicas.

A criança mimada em que estamos nos transformando parece que tem uma predileção avassaladora, cega pela igualdade camuflada, travestida, metamorfoseada: o mesmo, só que de dissimuladas feições particulares.

A experiência no carnaval de “São Chico” – cidade ainda com traços belíssimos, entranhados em seu casario e em suas ruelas que marcam mais que a história, exalam uma identidade – me lembrou que o respeito às identidades culturais deveria ser matéria obrigatória nos currículos dos cursos. Bom, pelo menos nos currículos ocultos, aqueles que, na hora H, têm força de lei (lei não escrita, é bem verdade, e de pouco crédito dentro do ensino tecnológico, mas ainda assim poderosíssima!).

Saio da experiência reconfortado por ter percebido, nos enredos, nos adereços e nas alegorias das escolas de samba e dos blocos, fortes traços da identidade de São Chico, e pesaroso por ter de distinguir com notas os valores de uma expressão cultural.

Saio também mais rico para as minhas reflexões sobre CTS, na medida em que devo passar a incorporar mais acintosamente ao meu discurso o respeito às identidades culturais particulares.

Para todos os efeitos, arrisco parafrasear (numa quase heresia acadêmica!) o roqueiro Raul Seixas, "eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela "moderna" opinião formada sobre tudo".

Luiz Teixeira do Vale Pereira  
Nepet – março de 2011